



ORIGINALES



Plantas medicinais no campo educacional: saberes relacionados ao boldo-gambá

Anelise Miritz Borges,¹ Camila Almeida,² Caroline Vasconcellos Lopes,³ Rita Maria Heck,⁴ Rosa Lía Barbieri⁵

¹Enfermeira. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil. ²Enfermeira. Supervisora das unidades conveniadas do Hospital Universitário São Francisco de Paula, Brasil. ³Enfermeira. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Brasil. ⁴Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora associada à Faculdade de Enfermagem Universidade Federal de Pelotas, Brasil. ⁵Bióloga. Doutora. Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, Brasil

Correspondencia: General Osório 1291-B, apto. 41, Pelotas, Brasil

Manuscrito aceptado el 11.10.2010

Enferm Comun 2011; 7(2)

Cómo citar este documento

Borges, Anelise Miritz; Almeida, Camila; Lopes, Caroline Vasconcellos; Heck, Rita Maria; Barbieri, Rosa Lía. Plantas medicinais no campo educacional: saberes relacionados ao boldo-gambá. *Enfermería Comunitaria (rev. digital)* 2011, 7(2). Disponible en <<http://www.index-f.com/comunitaria/v7n2/ec7522.php>> Consultado el 17 de Noviembre de 2011

Resumo

Justificativa: Há a necessidade de um diagnóstico entre os futuros profissionais de saúde a respeito do entendimento sobre as plantas medicinais. **Objetivo:** Avaliar a percepção a respeito do uso de plantas medicinais por acadêmicos de enfermagem e sua prática enquanto futuros enfermeiros, com ênfase na planta medicinal *Plectranthus neochilus*, conhecida por boldo-gambá. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa realizada com 23 alunos de 19 a 35 anos de idade, do quinto semestre da Faculdade de Enfermagem Universidade Federal de Pelotas/Brasil. Foram obtidas autorização da direção do curso e assinaturas do Consentimento. A coleta de dados ocorreu em julho de 2008 através da entrevista semiestruturada. Foi utilizada análise de Bardin. **Resultados:** Dos 23 participantes, 18 consumiam plantas medicinais devido a fácil acesso, origem natural, eficiência no tratamento e ser um hábito cultural. Nenhum deles conhecia a espécie boldo-gambá. **Conclusões:** Há distanciamento dos conhecimentos científicos relacionados às plantas medicinais e à formação profissional dos enfermeiros.

Palavras-chave: Saúde/ Enfermagem/ Plantas medicinais.

Abstract (Medicinal plants in the field of education: knowledge related to boldo-gambá)

Justicative: There is need for a diagnosis about the understanding of medicinal plants among future health professionals. **Objective:** To evaluate the perception regarding the use of medicinal plants by nursing students and their practice as future nurses, with emphasis on medicinal plant *Plectranthus neochilus*, known as skunk-boldo. **Methodology:** Qualitative research was conducted with 23 students 19-35 years old, in the fifth semester of the School of Nursing, Federal University of Pelotas/Brazil. After obtained authorization from the direction of the course and signing the consent, the data were collected in July 2008 by semi-structured interview. Data were submitted to analysis of Bardin. **Results:** Among 23 participants, 18 consumed medicinal plants because they are accessible and natural, efficient in the treatment of diseases and a cultural norm. None of them knew the skunk-boldo. **Conclusions:** There is a gap between scientific knowledge related to medicinal plants and the professional training of nurses.

Key-words: Health/ Nursing/ Medicinal plants.

Resumen (Plantas medicinales en el campo de la educación: los conocimientos relacionados con boldo-gambá)

Justificación: Existe necesidad de un diagnóstico de los profesionales de salud en el futuro con relación a el conocimiento de las plantas medicinales. Objetivo: Evaluar la percepción sobre el uso de plantas medicinales junto a académicas de enfermería y su práctica clínica como futuros enfermeros, con énfasis en la planta *Plectranthus neochilus*, conocida como Boldo-zarigüeya. Metodología: La investigación cualitativa realizada con 23 estudiantes de 19-35 años de edad, el quinto semestre de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Pelotas, Brasil. Hemos obtenido el permiso de la dirección de la institución y autorización individual de los estudiantes. Los datos fueron recolectados en julio de 2008 a través de entrevista semi-estructurada. La análisis de datos se organizó de acuerdo con Bardin. Resultados: De los 23 participantes, 18 consumen plantas medicinales debido al fácil acceso, de origen natural, y por ser eficaz en el tratamiento basado en saber cultural. Ninguno de ellos sabía sobre la especie boldo-zarigüeya. Conclusiones: Hay un espacio vacío en los conocimientos científicos relacionados con las plantas medicinales y la formación de las enfermeras.

Palabras clave: Salud/ Enfermería/ Plantas medicinales.

Introdução

A evolução antropológica está associada diretamente com a manipulação e utilização das plantas medicinais através do processo de transmissão dos saberes populares entre as gerações.¹ Para as antigas civilizações, esta prática natural de cuidado à saúde fomentava a natureza como aliada na manutenção do bem estar da população, tomando-se um suporte à prevenção de enfermidades e promoção da saúde.

Em torno de 1500 a.C. dois textos sagrados fizeram parte da base da medicina hindu: Veda (Aprendizado) e Ayurveda (Aprendizado de Longa Vida), demonstrando a inserção das plantas e dos saberes populares.² Neste período, no Egito, o Papiro Ebers revelou em torno de 700 drogas diferentes, incluindo extratos de plantas e fórmulas específicas para combater patologias.³ Na antiga Grécia, o "Pai da Medicina", Hipócrates (460-377 a.C.), elaborou o livro nomeado *Corpus Hipocraticum* que integrou conhecimentos médicos sobre as enfermidades versus os remédios vegetais existentes, valorizando, naquela época, os saberes atrelados às plantas medicinais.¹

No Ocidente, os registros da utilização da fitoterapia datam do século V a.C. No começo da Era Cristã, o grego Dioscórides, em sua obra "De Matéria Médica", catalogou e ilustrou cerca de 600 diferentes plantas usadas para fins medicinais, contribuindo para a categorização organizada das espécies.⁴

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria da população dos países em desenvolvimento recorre à medicina tradicional como fonte de atenção primária em saúde e, cerca de 85% das iniciativas estão direcionadas à utilização das plantas medicinais. Esta prática foi fortalecida pela OMS no âmbito sanitário no ano de 1978, através da Declaração de Alma-Ata.^{5,6}

A oficialização do uso de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil foi obtida através da criação do decreto nº 5.813 em 22 de junho de 2006, pelo Ministério da Saúde, o qual tomou uma política nacional, norteadora de diretrizes quanto ao uso sustentável, eficaz e seguro dessas plantas.⁷ Dentre os objetivos desta política, destaca-se o desenvolvimento de ações direcionadas à melhoria da atenção à saúde, à geração de emprego e renda e o fortalecimento da agricultura familiar. A valorização do valioso conhecimento tradicional relacionado ao uso de plantas medicinais para o desenvolvimento de pesquisas pode resultar em novas tecnologias e serviços terapêuticos.⁸

Desta forma, a expectativa em relação ao uso das plantas medicinais se tornou crescente no mundo e o reconhecimento da importância da pesquisa tomou maiores perspectivas, evidenciando a eficácia e a segurança na manipulação das plantas, uma prática essencial no campo da ascensão e recuperação da saúde.⁸

Várias são as plantas utilizadas na saúde humana. Muitas delas são consideradas mais conhecidas e consumidas pela população do que outras, uma delas é o boldo, referida em grande parte dos estudos etnobotânicos relacionados às plantas medicinais.⁹⁻¹² Existem diferentes espécies de plantas que são denominadas cientificamente pelo nome de boldo, e que pertencem a diferentes famílias botânicas. São elas: *Coleus barbatus* (família Lamiaceae), *Pterocaulon polystachyum* (família Asteraceae), *Peumus boldus* (Monimiaceae) e *Coleus rotundifolius* (família Lamiaceae).^{13,32}

Embora seja de uso muito popular, existe uma grande confusão relacionada ao uso do boldo, havendo desconhecimento a respeito da existência de várias espécies com diferentes princípios ativos. Essa diversidade necessita ser considerada, pois existem diferenças nas indicações para o uso humano.¹⁴

Neste contexto, propõe-se avaliar a percepção a respeito do uso de plantas medicinais por acadêmicos de enfermagem e sua prática enquanto futuros sujeitos no ambiente do cuidar, com ênfase na planta medicinal *Plectranthus neochilus*, conhecida por boldo-gambá. Há a necessidade de um diagnóstico entre os futuros profissionais de saúde a respeito do entendimento das plantas medicinais. De forma a orientá-los quanto à utilização correta destas plantas para realizar um cuidado integral de enfermagem.

Metodologia

trata-se de uma pesquisa quantitativa—do tipo exploratória,— descritiva— realizada junto a comunidade acadêmica da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas/UFPel/Brasil. Os sujeitos do estudo foram 23 alunos de ambos os sexos, com faixa etária entre 19 a 35 anos, pertencentes ao quinto semestre de graduação da enfermagem. Estes foram elencados por estarem cursando o período mediano da faculdade e assim provavelmente estarem mais decididos pela opção profissional. Além disso, nesse período do curso é possível aprimorar ou acrescentar novos conhecimentos na sua formação.

O desenvolvimento deste estudo contou com as autorizações da equipe diretiva do curso de graduação e a assinatura do Termo de Consentimento Informado pelos alunos que compuseram o trabalho, de acordo com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, que ampara os sujeitos ao livre acesso dos dados coletados, ao direito de desistirem de participar em qualquer momento do estudo e a preservação do anonimato dos sujeitos, os quais foram identificados por nomes de animais, seguido de suas idades.

A edificação do trabalho contou com as seguintes etapas: a) revisão bibliográfica do *P. neochilus*; b) entrevista com a comunidade acadêmica; c) confronto da revisão bibliográfica e o resultado das entrevistas; d) exposição dos resultados aos sujeitos entrevistados.

A coleta de dados foi realizada no mês de julho de 2008 através de uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas sobre a temática. A aplicação do instrumento teve a duração de aproximadamente trinta minutos e contou com uma orientação preliminar aos participantes, de modo a elucidar o objetivo da pesquisa e eventuais dúvidas do grupo.

As respostas foram registradas em planilhas para facilitar o processo de análise dos dados, o qual contou com a análise de conteúdo de Bardin.¹⁷ A devolução dos dados aos sujeitos ocorreu em agosto de 2008, sendo oferecido aos mesmos um material educativo em forma de folder, contendo recomendações úteis para a utilização do boldo-gambá na saúde humana.

Resultados e Discussão

Dentre os 23 participantes do estudo, 22 (96%) eram do sexo feminino e um (4%) masculino. Quanto ao local de origem dos estudantes, todos eram vinculados aos municípios do Rio Grande do Sul.

Ao abordar os sujeitos quanto ao consumo de plantas medicinais no combate de sinais e sintomas de possíveis enfermidades, a maioria, 18 (78%) deles afirmou positivamente, conforme as falas a seguir:

"Sim, pois são de fácil acesso, tem uma boa eficácia e alguns tem excelente sabor." (Gaivota, 20)

"Sim, uso no combate de sintomas e para prevenir doenças. Uso por costume da família." (Coruja, 24)

"Sim, Porque são hábitos familiares e na maioria das vezes surte efeito." (Periquita, 35)

"Sim, pois acredito ser um bom método de combate a algumas doenças e é natural." (Tucana, 23)

A partir da análise destas afirmações, o uso destas plantas foi relacionado ao fácil acesso, à origem natural, à eficácia no tratamento de enfermidades e ainda por relacionarem a influência dos hábitos culturais passados pela família. No entanto, a maioria, 16 (70%) desconhecia a diversidade de plantas medicinais consumida e a distinção entre fitoterápico e planta medicinal, o que pode interferir significativamente na relação de risco/benefício de tal consumo.

Convém esclarecer que o termo fitoterápico possui distinção frente às plantas medicinais, e conforme orientações do Ministério da Saúde^{18,46} "Fitoterápico é o medicamento obtido empregando-se exclusivamente matérias-primas ativas vegetais. [...] não considera medicamento fitoterápico aquele que, na sua composição, inclua substâncias ativas isoladas, de qualquer origem, nem as associações destas com extratos vegetais". Já planta medicinal¹⁹ é todo e qualquer vegetal que possui substâncias, em um ou mais órgãos, que podem ser utilizadas para fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semi-sintéticos.

Diante de tais conceitos, observa-se que na década de 80 e 90 várias pesquisas foram efetuadas em todo o mundo, buscando investigar o princípio ativo de várias plantas medicinais e a utilização dos recursos naturais no cuidado à saúde. Estas informações, vinculados na maioria das vezes aos conhecimentos populares oriundos do nicho familiar, revelam a importância de unir tais saberes à cientificidade e à enfermagem.²⁰ Em Campinas (SP), Vitória e Vila Velha (ES) desde 1990 a fitoterapia está sendo incorporada nos Centros de Saúde, e em alguns locais está vinculada à igreja católica.²¹

Neste sentido, no período de 2007 a 2010, vários estudos em diversos países se dedicaram a investigar os saberes populares oriundos de várias populações de diferentes partes do mundo frente ao uso das plantas medicinais na manutenção e resgate da saúde.^{13,22-24}

Ao questionar os entrevistados sobre os tipos de boldo existentes no campo terapêutico, a maioria 21 (91%) deles, referiu que já ouviu falar sobre a planta ou a conhecia, porém descartou a possibilidade de haver mais de uma espécie da mesma, não associando, desta forma, o nome científico e suas indicações à saúde. Quanto ao boldo-gambá, nenhum participante referiu utilizá-lo. No entanto, quatro alunos citaram o boldo-do-chile ou chileno.

Ao recorrer à literatura, constata-se que a mesma ainda é escassa sobre o boldo-gambá (*P. neochilus*), pois esta espécie de boldo, muito embora seja produzida no Brasil, ainda possui poucos estudos científicos disponíveis. Além disso, existem problemas na identificação taxonômica correta das plantas referidas popularmente como boldo, o que dificulta a coleta de dados precisa sobre a sua utilização.¹⁴ Em consonância à ideia exposta, apresentam-se algumas falas dos entrevistados:

"Para mim só existia o boldo-do-chile. Para azia, má digestão e problemas gástricos." (Coruja, 24)

"Não sei se é uma das variabilidades do boldo, mas consumo boldo-do-chile de sachê. A minha avó consumia e tinha em casa, eu não sei dizer a variedade que é." (Anu, 21)

"Não sei distinguir a variedade, mas sabia que existem mais de um tipo de boldo." (Tucana, 23)

"Não sei distinguir, na verdade nem sabia que existem mais de um tipo de boldo." (Lucana, 23)

"Não sei qual tipo consumo, mas uso no caso para dor de estômago e má digestão" (Papagaio, 24)

"Não saberia distinguir, pelo meu leigo conhecimento, é indicado para enjôos, mal estar e enfermidades em relação ao fígado." (Andorinha, 22)

Em relação ao desconhecimento das espécies de boldo, toda a prática terapêutica pressupõe um diagnóstico prévio e, para tal, existe a necessidade de conhecimentos técnicos e legalidade na ação.²⁵ Isto não foi observado na sua integralidade pelo público alvo, pois a maioria utilizava as plantas medicinais baseado em saberes populares repassados de geração a geração e até mesmo sem uma referência científica para tal, e sem ter o cuidado de realizar a correta identificação da planta.

Neste contexto, devem ser ressaltadas as referências quanto à manipulação das plantas medicinais expostas pelos entrevistados. Muitos deles não possuíam respaldo para utilizar as plantas para fins terapêuticos, fato que remete a um questionamento acerca dos motivos que levariam o indivíduo a consumir tais plantas sem possuir embasamento sobre o preparo do recurso terapêutico.

Outro aspecto relevante incide na menção dos familiares enquanto amparo e fonte de informações sobre as plantas medicinais. Dentre os sujeitos abordados cinco (21%) dos entrevistados fizeram esta relação, o que pode ser observado nas falas a seguir:

"Sim. Referência do que os meus avós e pais dizem." (Canário, 21)

"Sim. As referências que possuo são passadas pela minha avó." (Anu, 21)

"Só a indicação de meus pais." (Pica-pau, 23)

Assim, a ausência de conhecimentos sobre a própria existência deste tipo de boldo já é um determinante que pode vir a comprometer a saúde diante do uso equivocado e incerto desta planta. De forma semelhante, em um estudo²⁶ realizado com alunos de uma instituição de ensino de enfermagem foi constatado o desconhecimento acerca das Políticas Públicas na área das Terapias Complementares por parte dos alunos, o que demanda um trabalho educativo e esclarecedor, de forma que estes tenham noção sobre a possibilidade de atuar com plantas medicinais no cuidado à saúde.

Convém destacar que a predominância dos saberes populares sobre as plantas medicinais ainda é amplamente respeitada pelas pessoas que as utilizam. No estudo referido acima, 25% dos discentes associam os seus conhecimentos à família. No entanto, os sujeitos entrevistados na presente pesquisa, enquanto futuros profissionais de saúde necessitam conscientizar-se de que estes saberes populares precisam estar conectados àqueles cientificamente comprovados, pois o distanciamento entre eles pode comprometer a saúde, desencadeando sintomatologias indesejáveis e até a morte. Eis a necessidade de reportar-se a uma literatura confiável sem desconsiderar a bagagem cultural aprendida no seio familiar sobre as plantas. Assim, se estará acompanhando as descobertas no campo da ciência e delineando intervenções corretas para a aquisição do bem-estar do indivíduo.^{27,28}

Por conseguinte, ao se associar a qualidade em saúde versus o uso das plantas, deve-se atentar quanto à forma de preparo, dosagens, colheita e o armazenamento das ervas, dentre outros fatores.²⁷ Estas informações, ao serem relacionados com a pesquisa, revelam que a maioria dos sujeitos abordados referiu consumir as plantas medicinais sob forma industrializada, seguido da origem caseira e de vendedores ambulantes. Ao analisar o dado, percebe-se que muitos podem consumir uma planta medicinal sem saber se a manipulação está correta. Isto independente de ser comercializada ou cultivada, pois em ambos os casos é possível que existam problemas no processo de conservação dessas plantas, o que pode interferir significativamente na saúde humana.

Quanto aos motivos de utilização do boldo, mesmo sem saber o tipo consumido, a maioria dos sujeitos entrevistados correlacionou às dificuldades no processo digestivo, seguido de dor estomacal. Nesta perspectiva, a utilização do boldo-gambá (*P. neochilus*) se dá em circunstâncias como a dispepsia e dores estomacais.²⁹ Porém deve-se observar a idade da planta, a influência da luz e o período do ano, pois a planta não se comporta da mesma forma e produz princípios ativos com concentrações variadas durante os 365 dias do ano.²⁷

Os conhecimentos informais dos acadêmicos sobre o boldo-gambá demonstraram estar afinados com os dados científicos, o que evidencia a necessidade de maior divulgação sobre as formas de preparo, estados de conservação e períodos para a utilização desta planta. *P. neochilus* é utilizado para o tratamento de insuficiência hepática, dispepsia e dores no estômago. A maior concentração de óleos essenciais na planta ocorre entre o quinto e o décimo segundo mês de desenvolvimento, principalmente quando a planta permanece em local de maior sombreamento.³⁰

A consciência quanto à utilização correta das plantas medicinais é evidente no grupo de estudantes de enfermagem, pois a maioria, 18 (78%) deles, demonstrou preocupação quanto à aquisição de conhecimentos e a manipulação dessas plantas, o que pode ser constatado nas falas a seguir:

"Devemos ter um certo conhecimento acerca do produto fitoterápico ao qual iremos utilizar, pois apesar de serem naturais possuem um princípio ativo medicamentoso o qual se erroneamente utilizado pode acarretar danos ao organismo." (Beija-flor, 28)

"Tanto o fitoterápico quanto o medicamento merecem ser administrados de acordo com seus critérios. Entretanto não é o que ocorre, por mais informação que seja passada as pessoas devem ter consciência do risco e preservar sua saúde, mas é uma questão pessoal." (João-de-barro, 30)

"O consumo de chás quase sempre é difundido pela cultura popular, não tendo nenhuma indicação médica. Não possuo muito entendimento sobre os procedimentos e cuidados em relação aos chás." (Andorinha, 22)

Ao relacionar o consumo das plantas à automedicação ou ao autocuidado, a maioria dos entrevistados associou à automedicação, preocupando-se com os costumes de executar tal prática enquanto uma forma de autocuidado. Fato evidente nas respostas descritas abaixo:

"O uso de chá para o tratamento de alguns males é de origem cultural, e muitas vezes pode ser considerado como automedicação, pois os consumidores não possuem orientação médica nem conhecimento científico para seus usos, bem como para seus efeitos colaterais e contra-indicações. E assim como toda auto-medicação pode acarretar em sérios danos à saúde." (Gaiyota, 20)

"A utilização de chás como autocuidado deve ser feito de forma cuidadosa e não continuamente, esperando apenas o alívio imediato dos sintomas. A utilização de fitoterápicos sem indicação médica é sim um tipo de automedicação e não deve ocorrer, pois as substâncias podem ser perigosas e prejudiciais caso usados sem conhecimento." (Pelicana, 19)

"O uso de chás naturais como uma das alternativas para o tratamento de alguma enfermidade somente deverá ser utilizado quando se tem conhecimento a respeito da erva medicinal que será utilizada como, por exemplo, os seus efeitos. O uso do chá não deverá servir como um medicamento, mas como algo a mais para auxiliar no tratamento medicamentoso sem interferência nos efeitos dos medicamentos." (Periquita, 35)

A planta medicinal se tornará um medicamento somente quando for utilizada corretamente, avaliando o seu potencial de risco à intoxicações e efeitos colaterais.⁴ Desta forma, quando se associa o uso das plantas medicinais ao exercício profissional dos futuros enfermeiros, percebe-se a necessidade de um trabalho educativo sobre o uso das plantas medicinais, para que esta ação se propague dentro dos princípios legais. Sob este aspecto, em nenhum momento o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem menciona a inviabilidade das práticas terapêuticas complementares por estes profissionais, dado elucidado no capítulo III, Art. 13 e 14 quanto às responsabilidades, que diz: "Art. 13 - Avaliar criteriosamente sua competência técnica, científica, ética e legal e somente aceitar encargos ou atribuições, quando capaz de desempenho seguro para si e para outrem. Art. 14 - Aprimorar os conhecimentos técnicos, científicos, éticos e culturais, em benefício da pessoa, família e coletividade e do desenvolvimento da profissão."³¹

Assim, no campo da enfermagem, destaca-se a capacidade e o comprometimento do ser humano em prestar cuidados e compartilhar os conhecimentos entre a pessoa que cuida e aquela que é cuidada, bem como do processo oportuno para o crescimento mediado pela constante inter-relação com o outro.²⁸ Em consonância, constata-se que o cuidado possui qualidades essenciais como a capacidade de ser flexível em meio às relações entre sujeitos.²⁵

A enfermagem pode, portanto, associar à sua prática a inclusão de plantas medicinais, valorizando o processo cultural inerente à população, baseando-se no respaldo ético previsto na sua legislação.

Considerações finais

Os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, muitas vezes não consideram as plantas medicinais como recurso terapêutico, pois desconhecem os benefícios e os riscos inerentes a esta terapia, distanciando-se dos hábitos culturais que também envolvem as formas de cuidado em saúde.

Cabe à enfermagem respaldar-se na área das terapias complementares, buscando um cuidado em saúde mais integrado à realidade da comunidade atendida, viabilizando ações que considerem a transversalidade das políticas públicas e a sustentabilidade do ambiente em que habitam.

No que tange à classe de discentes estudada, foi constatado que há um distanciamento dos conhecimentos científicos voltados à utilização das plantas medicinais na formação profissional, em especial sobre o boldo-gambá. Entretanto, se percebe um esforço tanto por parte dos alunos como dos docentes em dedicar-se mais a esta realidade, que desde 2006 conta com políticas que oficializam o uso destas terapias no campo da saúde.

Para tanto, o exercício profissional da enfermagem carece de respaldo intelectual no que tange o uso das plantas medicinais, o que pode ser delineado através da inserção destes conhecimentos durante a formação enquanto futuro enfermeiro. Desta forma, se estará atuando dentro dos princípios legais valorizando a cultura para pensar em saúde, oportunizando à categoria refletir e construir trabalhos sobre as plantas medicinais no campo da pesquisa.

Referências

1. Martins ER; Castro DM; Castellani DC; Dias JE. Plantas medicinais. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2000.
2. Vale NB. A farmacobotânica, ainda tem lugar na moderna anestesiologia? Revista Brasileira de Anestesiologia. 2002; 52(3): 368-80.
3. Eldin S; Dunford A. Fitoterapia na atenção primária a saúde. São Paulo: Manole, 2001.
4. Lorenzi Harri; Matos FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.
5. Organización Mundial de la Salud. Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional. Ginebra, 2002.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de ciência, tecnologia e insumos estratégicos. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
7. Rodrigues AG. Políticas públicas em plantas medicinais e fitoterápicos. Jornada de economia da saúde. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/3_ciclo2006-apres02.pdf> [Consultado em: 13.05.2008].
8. Simões CM; Mentz LA; Schemkel EP; Irgang BE; Stehmann JR. Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1998 (5ª ed.).

9. Pinto Erika de Paula Pedro; Amorozo Maria Christina de Mello; Furlan Antonio. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica - Itacaré, BA, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, São Paulo. 2006; 20(4): 751-762.
10. Vendruscolo Giovana Secretti; Mentz Lilian Auler. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia, Sér. Bot.*, Porto Alegre. 2006; 61(1-2): 83-103.
11. Taufner CF; Ferraço EB; Ribeiro LF. Uso de plantas medicinais como alternativa fitoterápica nas unidades de saúde pública de Santa Teresa e Marilândia, ES. *Natureza on line*. 2006; 4(1):30-39. Disponível em: <<http://www.naturezaonline.com.br/>> [Consultado em: 16.04.2010].
12. Brasileiro Beatriz Gonçalves; Pizziole Virginia Ramos; Matos Danilo Santos; Germano Ana Maria; Jamal Claudia Masrouah. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no "Programa de Saúde da Família", Governador Valadares, MG, Brasil. *Rev. Bras. Cienc. Farm.*, São Paulo. 2008; 44(4): 629-636.
13. Backes Albano; Nardino Mariluz. Nomes populares e científicos de plantas do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 2001 (2ª ed.).
14. Likhoba Catherine W; Simmonds Monique S; Paton Alan J. *Plectranthus*: a review of ethnobotanical uses. *J Ethnopharmacol*. 2006; 103(1): 1-24.
15. Minayo Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 (27ª ed.).
16. Oliveira Silvio Luiz. *Tratado de metodologia científica. Projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. São Paulo: Pioneira, 2001.
17. Bardin Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
18. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria e ciência, tecnologia e insumos estratégicos. *A fitoterapia no SUS e o Programa de pesquisa de plantas medicinais da tecnologia de medicamentos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
19. World Health Organization. *Bulletin of the World Health Organization. Regulatory situation of herbal medicines. A worldwide review*, Geneva, 1998.
20. Nogueira MJC. Recursos naturais nas práticas caseiras de cuidados à saúde - utilização pela enfermeira. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 1984; 18(2): 177-86.
21. Guizardi FL; Pinheiro R. Novas práticas sociais na constituição do direito à saúde: a experiência de um movimento fitoterápico comunitário. *Interface, Botucatu*. 2008; 12(24): 109-122.
22. Macedo AF; Oshiiwa M; Guarido Cristiane Fátima. Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília-SP. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*. 2007; 28(1):123-128.
23. Ceolin Teila. Conhecimento sobre plantas medicinais entre agricultores de base ecológica da região Sul do Rio Grande do Sul. *Dissertação [Mestrado em Enfermagem]*. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
24. Vanini, Marisa. Uso de plantas medicinais em um território quilombola do município de Mostardas - Rio Grande do Sul. *Dissertação [Mestrado em Enfermagem]*. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
25. Waldow Vera Regina. *Cuidado humano: o resgate necessário*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001 (3ª ed.).
26. Trovo Mônica Martins; Silva Maria Júlia Paes; Leão Elizeth Ribeiro. *Terapias alternativas/complementares no ensino Público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem*. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. 2003; 11(4): 483-489.
27. Nogueira Maria Jacyra de Campos. *Fitoterapia: a volta à natureza*. Enfoque. 1984; 12(1): 8-11.
28. Faria PG; Ayres A; Alvim Neide Aparecida Titonelli. O diálogo com gestantes sobre plantas medicinais: contribuições para os cuidados básicos de saúde. *Acta Scientiarum. Health Sciences*. 2004; 26(2): 287-94.
29. Duarte Márcia do Rocio; Lopes Juliano Ferreira. Anatomia caulinar e foliar de *Plectranthus neochilus* Schltr., Lamiaceae. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 2007; 17(4): 549-556.
30. Rosal Louise Ferreira. Produção de biomassa, óleo essencial e características fisiológicas e anatômicas foliares de *Plectranthus neochilus* Schlechter em função da adubação orgânica, malhas coloridas e idades das plantas. *Universidade Federal de Lavras/MG*. 2008. Disponível em: <http://bibtede.ufla.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1136> [Consultado em: 08.05.2008].
31. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). *Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem*. Resolução COFEN 311/2007. Disponível em: <<http://site.portalcofen.gov.br/node/4394>> [Consultado em: 13.06.2009].
32. Backes, A.; Nardino, M. *Nomes populares e científicos de plantas do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2001. 2020 p.



[DEJA TU COMENTARIO](#) [VER O COMENTARIOS](#)

[Normas y uso de comentarios](#)

[Menú principal](#) | [Qué es Index](#) | [Servicios](#) | [Agenda](#) | [Búsquedas bibliográficas](#) | [Campus digital](#) | [Investigación cualitativa](#) | [Evidencia científica](#) | [Hemeroteca Cantárida](#) | [Index Solidaridad](#) | [Noticias](#) | [Librería](#) | [guid-INNOVA](#) | [Casa de Mágina](#) | [Mapa del sitio](#)

FUNDACION INDEX Apartado de correos nº 734 18080 Granada, España - Tel/fax: +34-958-293304